

TEMPO FAVORÁVEL

A medida que vamos esquecendo o nosso Deus e ficando sós no meio das pessoas e coisas, tudo para nós se vai tornando lícito e permitido. Há uma perda de sensibilidade. Não sentimos o bem e omitimo-lo, não nos choca o mal e praticamo-lo. Ficamos, por nossa culpa, afastados do foco e do raio de Deus. Daqui ao abismo do pecado é um passo.

As palavras: pecado, nossa conversão para Deus, sofrimentos de Cristo e penitência não nos dizem nada. Tudo vazio!

Então, não nos sentimos mais peregrinos a caminho da Salvação. A própria luta pela nossa dignidade não se realiza

no plano de Deus — mas, e só, na perspectiva humana.

Urgente ouvirmos a Voz de Deus que, pela Sua Palavra, e mais uma vez, nos interpela e convida à conversão — nesta Quaresma.

«Julgais que os povos que morrem à fome ou pelas guerras são mais pecadores que vós? Pois digo-vos que se não vos converterdes todos — morrereis.»

Conversão não é simplesmente uma disposição interior; implica um retorno total ao sentido do Divino na nossa alma, traduzido em cada passo do nosso dia. Conversão ao Senhor supõe a mudança de vida,

um espírito novo e uma nova mentalidade.

De novo no foco de Deus, debaixo do Seu raio.

O maior obstáculo à nossa conversão é o pecado — o nosso querer sempre presente e pronto — em vez do querer de Deus. A sua raiz está no nosso «eu» — na nossa própria sombra. A luz do coração de Cristo podemos ver a distância enorme que nos separa do Amor total; medir as nossas omissões; o que nos falta dar ao Senhor e aos Outros.

Mas a Quaresma sendo tempo de penitência e oração — caminho necessário para a conversão de cada um — é, por excelência, o tempo favorável do perdão. **«Meu filho estava morto e voltou à Vida.»** Ocasão de festa para o Pai. Como festa? A Misericórdia infinita do Senhor! Do Presépio à Cruz tudo é amor e sinal de perdão. Em todo o instante o Amor nos liberta.

«Senhor, a vida que nos destes [é passagem... até à nossa Páscoa da Liberdade]

Senhor, já se divisa a terra da [promessa

Para além do deserto, além da solidão.»

Padre Telmo

OBRIGADO!

■ Pela fruta que comemos, todos os dias, à sobremesa — obrigado!

Os pais sabem quanto custa a fruta que compram para os seus filhos e põem na mesa à hora das refeições. Fazem-no com peso, conta e medida por causa do orçamento. Muitos nem têm forças para ir ao mercado buscá-la. Todos precisam de comer muita fruta. As crianças traz benefícios incalculáveis. É um bem grande, grande, grande! Apetece-me acentuar três vezes a bondade deste dom à vida das crianças e jovens. Porque? Todos os dias, os refeiteiros, depois de servir o conduto, trazem bem chegado ao peito, os pratos com a fruta para a sobremesa. Bem chegado ao peito, é verdade! É que as coisas de mais alto valor só se entendem bem quando saem do coração e são bem apreciadas só à beira do coração. Não imaginas a alegria de ver o castelo de dois ou três pratos com maçãs ou com pêras, com figos ou cerejas, com tangerinas ou castanhas — tudo consoante a época — no regaço dos pequenos a

distribuí-los pelas mesas! Por isso, as caras deles estão tão bonitas! Todas as semanas, a carrinha leva os caixotes vazios para o mercado do Porto; e, no mesmo dia, poucas horas depois, está, de novo, em Casa, com os mesmos cheios. Alguém faz esta proeza. Alguém que não gosta de vir nos jornais. Alguém que deixa sempre recado para buscar mais — quando não chegar. Alguém que vai por outras bancas do mercado comprar, quando na sua não tem que chegue. As caixas não podem vir vazias. É como o pai ou a mãe que deixa os seus filhos no ninho e vai em busca do melhor para lhes dar. É assim **alguém** que faz o regalo da nossa sobremesa, de todos os dias, com a fruta que nos dá. E somos à roda dos 180!

Há dias, por ocasião de uma festa, vieram dois senhores a cumprimentar-nos. Um, já mais conhecido, apresenta o seu companheiro: **«É o senhor que vos dá a fruta!»** Não fui capaz de mais nada, senão sorrir e abraçá-lo. Falámos da abundância do coração. Na despedida, entrega-nos um cheque. Não te digo de quanto! **«É o senhor da fruta»** — como dizem os rapazes.

Pelas pêras e maçãs; pelos figos ou cerejas; pelas tangerinas, laranjas ou castanhas — obrigado!

■ Mais um recado: obrigado!

Já vem de há muitos anos. Foi Pai Américo que descobriu, ou melhor, foi o Espelho da Moda que descobriu Pai Américo. Depois, nunca mais se perderam de vista, até hoje. Fica ali, na Rua dos Clérigos. Foi ponto de encontro de muita gente que, ao longo dos anos, ali vai depositar as suas ofertas, regularizar assinaturas d'O GAIATO e das nossas obras de livro, entregar discretamente os seus tesouros, também. O coração que pulsava dentro daquelas paredes esteve sempre em sintonia com o coração da Obra da Rua. Obrigado!

Agora, é da mesma maneira. O Espelho da Moda, na Rua dos Clérigos, é, verdadeiramente, a Agência da confiança da Obra da Rua, no Porto. Passamos por lá todos os meses e mais que uma vez ao mês. E nunca vimos

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 4.ª pág.



Senhor, já se divisa a terra da promessa — para além do deserto, da solidão!

SETÚBAL

Há dias, fui chamado pela Rádio Azul, desta cidade, a comentar a notícia do nascimento do bebé-proveta num hospital de Lisboa. Quero, aqui, registar o carinho com que esta estação local procura apoiar a Casa do Gaiato de Setúbal e divulgar o nosso modo de viver e de pensar.

A minha primeira reacção tinha de ser de alegria pela criança que acabava de vir ao mundo dos homens! O valor duma criança ultrapassa, infinitamente, toda a riqueza do mundo e o fulgor da sua beleza escurece o brilho das estrelas!...

A incapacidade de gerar, naturalmente, foi vencida pela técnica científica e os pais podem, assim, reviver a sua própria vida e projectar a sua existência no mais doce sonho

transformado em realidade pelo avanço da ciência!

Não tenho capacidade para avaliar os aspectos éticos que a questão levanta, mas não posso deixar de tecer comentários ao facto, — à luz da realidade social que nos envolve:

A distância entre os avanços da ciência e o imobilismo do Direito Social parece ser de milénios. Segundo o Direito, entre nós, a criança é posse dos progenitores, quer eles sejam pais ou não. Para que seja inibido o poder paternal e uma criança possa ser arrancada aos antros da prostituição, do crime ou da droga tem de passar largos meses, ou até anos, na burocracia... dos tribunais! Assim, as crianças de tenra idade são obrigadas a

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FUTEBOL — No dia 9 de Fevereiro defrontámos a equipa «Estofos-Rio». O jogo foi inteiramente dominado pela nossa equipa e acabámos por golear o adversário por 12-0.

No dia 15 de Fevereiro jogámos com uma equipa de Valongo, o Grupo Desportivo da Estação, encontro muito bem disputado, com a nossa equipa a pressionar e facilmente chegámos aos 5-0, resultado com que terminou a primeira parte. Na etapa complementar a equipa adversária veio melhor organizada e, jogando em contra-ataque, reduziu o resultado final para 5-2.

Em 23 de Fevereiro defrontámos o Grupo Desportivo do Salão Paroquial de Gaia. Um encontro rijamente disputado. Resultado: 2-1 para os visitantes.

Defrontámos, também, em 2 de Março, o Unidos S. Brás de Pombeiro, de Felgueiras. Um jogo bonito de ver, totalmente controlado por nós, mas sempre que marcávamos um golo a equipa adversária reagia com perigo.

No final o placard acusou 2-0 a nosso favor.

Venho, mais uma vez, fazer o convite a colectividades desportivas que tenham equipas de iniciados ou juvenis para nos contactarem.

AGRICULTURA — A futura vinha está em andamento. Já começaram a estrumar as leiras e um campo ao lado. Agora, procedem à colocação de esteios para segurar as videiras — da melhor qualidade.

VISITANTES — Estão a afluir em maior número, uma vez que os dias são um pouco maiores. Vêm para nos conhecer, para conhecer a nossa Aldeia. Alguns trazem o almocinho ou farnéis.

Registamos, com agrado e alegria, que nos visitem e gostem da nossa Aldeia — tão linda!

Ludgero Paulo

Tojal

CAPELA — Temos recebido muitas cartas de ânimo para a construção da nossa Capela. É uma obra da máxima

importância para a Comunidade, pois nela centra-se o sentido da nossa vida e de todas as nossas actividades.

PAVILHÃO — Sofreu grandes transformações: o chão é de taccos; os anexos estão em acabamento; já foi colocado o lambrim; as paredes interiores levaram a primeira mão de tinta; estão concluídas as instalações eléctricas e as redes de água e esgotos.

VIAGENS — Partimos do Tojal, na «suite» Renault, com destino a Paço de Sousa. Foi uma viagem de trabalho, mas também um passeio agradável. Levámos laranjas, abóboras e sapatos; e, no regresso, trouxemos um moinho, a pipa do tinto (verdinho) e doces maçãs do Calvário — que ao jantar adoçam as nossas bocas.

AGRICULTURA — A nossa Casa é uma bonita aguarela de tons verdes e castanhos. Os campos lavrados, os pomares cheios de limões, de doces laranjas e tangerinas que nos consolam à sobremesa. O terreno das favas é uma seara verde, de meninas verdes todas alinhadas em fila... O olival foi lavrado e as oliveiras pedem o esturmo das nossas vacas. Os campos

de trigo servem de pasto. As ervilhas estão com flor. Os estudantes que trabalham no campo, preparam o terreno: para nabos, cenoura, couve e batata.

PEDIDO — Agradecemos às nossas amigas leitoras as linhas e estojos de costura que nos enviaram. Os estudantes estão a precisar de guarda-chuvas e luvas. Na biblioteca há falta de material discográfico e de um (será muito?) gira-discos ou leitor de cassetes. Lembro os selos de correio já utilizados. Deixo nas vossas mãos estes apelos e só me resta agradecer a boa compreensão e colaboração dos nossos Amigos.

José Manuel dos Anjos Nunes

VACARIA — Nasceu mais um vitellino!

Ainda não foi «baptizada» pelos vaqueiros, mas também não tardam a nascer mais. As nossas vacas estão todas «cheias», prestes a ter mais crias.

PORCOS — Têm nascido leitões. Bem precisamos de saborear a sua carne, tão gostosa!

Não nos faltam porcos. Temos as porcigas cheias de leitões e porcas à espera de novas crias.

ESCOLAS — Somos vinte e seis estudantes.

No período passado as notas foram razoáveis para alguns, mas para outros não. Paciência. É conforme a capacidade mental e a vontade de cada um.

Neste período as coisas vão indo mais ou menos.

Silva

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Um vicentino tem-se preocupado — e bem — pelos bebés duma família que se arrastava no limiar da miséria, mais «por falta de cabeça dos pais» — disse — do que por outras razões; ainda que — acentua — «o salário do pai não seja lá muito abonado». O recoveiro dos Pobres chega a procurar, nos lavradores, o leite mais rico. Espírito de serviço!

Quem nos dera todas as crianças portuguesas — de todo o mundo — tivessem a sua raçozinha de leite!

No período escolar que decorre, esperamos que as mocinhas inscritas no Curso Unificado do Ensino Secundário obtenham aproveitamento. O presidente da Conferência — que, por experiência profissional, sabe o valor da promoção cultural e social destes estratos da população rural — não deixa de incentivar tão oportunas acções.

Uma das pequenas, órfã de pais, remca contra a maré da avó que não sabe ler nem escrever; ao longo da sua vida só compulsou outros livros, valiosíssimos: a charrua, a enxada...

Na última abordagem, encantou-nos o á-vontade, a maturidade da peque-

nita, que sente a responsabilidade do estudo, apoiada pelos nossos leitores.

— Cuidado com os ares da cidade...!
— Estejam descansados! Eu quero é estudar.

A outra é filha dum pensionista da Segurança Social que mal tem prò caldo, quanto mais para dar aos filhos um melhor futuro profissional.

— Estou contente! A cachopa segue o que ela gosta prò seu futuro. Está feliz!

Ao correr da pena, só mais dois casos que seriam miséria total: famílias às quais o merceiro avia, mensalmente, sete a oito contos de mercearia para cada uma — como vulgares clientes, sem qualquer discriminação.

Ambos os agregados familiares são gente que nasceu (e viveu) nas tristes ervas, por razões que transcendem à maioria, e não podem ter valores materiais na mão! Casos muito especiais que, por isso mesmo, exigem um tratamento adequado, sem descurarmos a dignidade das pessoas. A Caridade cristã, bem entendida, é factor de promoção, de integração no meio. O Pobre tem o seu lugar, de direito, a nível comunitário. Não pode ser marginalizado!

PARTILHA — Pedras Rubras: «Sufragando a alma da minha querida Mãe, pequeno donativo (1.000\$00) para uma velhinha da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». O dom da Fé!

A assinante 23484, de Vilares (Vila Franca da Navas), comparece, invariavelmente, todos os meses! «Avó de Sintra», idem, com um voto: «Peço ao Senhor que a mais famílias eu possa vir dar um pequeno contributo». Amor cristão!

O assinante 32973, de Viseu, todos os anos manda uma oferta para O GAIATO e para a Conferência sempre acompanhada duma carta-poética, da qual transcrevemos os últimos versos: «(...) Apesar de pouca monta/a verba que te mandei/dispõe dela como queiras/pr'a alguma necessidade/das muitas que tens..., bem sei». Que seria do mundo sem poetas!?

Mais uma presença constante: o casal-assinante 11902, de Fundão, com a respectiva mensalidade e «os melhores votos de saúde e Paz». Oferta da assinante 26724, de Cantanhede. A «Maria de Portugal» — rico pseudónimo! — manda, do Porto, a nota do costume e uma legenda oportuna: «1 de Março. Novo mês, nova migalha com amor pelos que sofrem». É luz da Luz!

De passagem por Faro, bafejada com o sol do Algarve — cobijado pelos nórdicos — a assinante 4546 não esquece os Pobres, mais uma vez. Outra presença do Porto: a assinante 25851 corresponde a uma nota publicada, nesta coluna, no princípio do mês anterior. Aquele Amigo, de Braga, que bate à nossa porta com assiduidade — o assinante 24671 — aí está com quatro notas «para ajudar os nossos Irmãos que mais precisam, sobretudo as Viúvas que mais filhos tiverem. Eu já passei fome e sei quanto custa...!» A experiência feita tem mais valor!

TRIBUNA DE COIMBRA

• Tinha vinte anos quando O GAIATO nasceu. Recordo o primeiro que apareceu no Seminário de Coimbra. Foi mensageiro. Continua a sê-lo. Mensageiro e aliança. Leva a mensagem e faz comunhão. Faz a união de uma grande Família: a grande Família da Obra da Rua.

No domingo, à porta da Sé, um casal sorridente partilhava comigo: «O seu (nosso) menino que nos leva o jornal a casa é tão amoroso! Já os outros também eram. Estamos sempre, ansiosos, à espera que apareça!»

É o menino e é o jornal. São dois amores que aparecem em

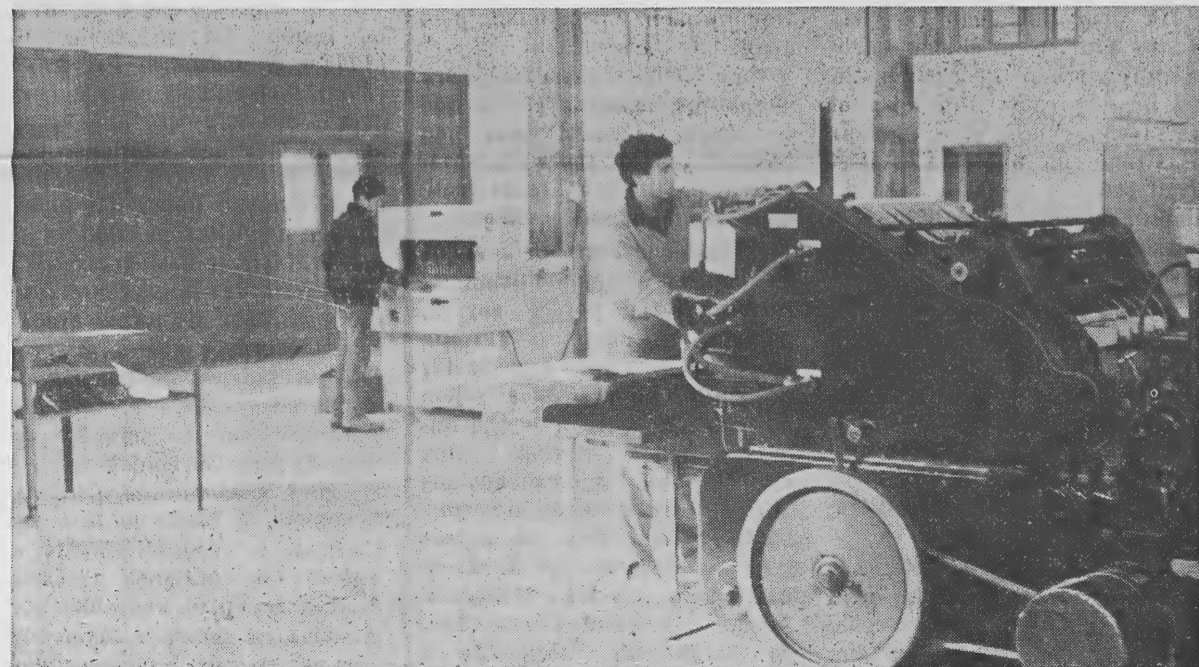
casa e na rua. Amores que levam amor e trazem amor. O GAIATO tem sido escola de Vida para muitos.

• A propósito de mais um aniversário d'O GAIATO, queria partilhar a minha alegria e gratidão a todos os que, na zona centro, recebem os nossos Rapazes e O GAIATO: Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Tomar, Pombal, Condeixa, Figueiró dos Vinhos, Sertã, Proença-a-Nova, Castelo Branco, Alpedrinha, Fundão, Tortosendo, Covilhã, Anadia, Mealhada, Cantanhede, Lousã e Miranda do Corvo.

Eles distribuem, nesta zona,

dez mil exemplares em cada quinzena. Recebem muito amor, muitos recados, muitas lembranças e também muito dinheiro. Quero dar conta de que, o ano passado, os distribuidores d'O GAIATO trouxeram para Casa a quantia de cinco milhões duzentos e dezanove escudos e cinquenta centavos. Foi a maior fonte de receita para o nosso pão. Tem sido já há muito. Mas não têm sido menos saborosas a mensagem e a comunhão que O GAIATO irradia. Que continue a ser mensageiro e a fazer sempre comunhão de bens.

Padre Horácio



Eles e as máquinas em labração, na escola-oficina gráfica da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.



BARREDO

A diferenciação das populações das duas zonas ribeirinhas, a que aludimos a quinzena passada, funda-se, em primeiro lugar, na origem e no enraizamento diversos das pessoas que numa e noutra moravam.

O Barredo, porque mais coeso no emaranhado do seu «miolo», menos penetrável ao trânsito, zona eminentemente residencial, dá aos seus habitantes uma consciência de dignidade com raízes no tempo, uma consciência de senhorio pátrio do lugar. Tinham nele pequenas lojas e o Mercado da Ribeira que respondiam às suas necessidades quotidianas e os dispensavam de subir ao centro da cidade para se abastecerem — o que reforçava o seu sentido de autonomia. Que a vida profissional dos seus naturais, essa era predominantemente voltada para o rio!

A Fonte Taurina — Reboleira, pelo seu próprio carácter geográfico, é um espaço mais aberto, transitável; e foi sempre alvo maior da imigração de gentes estranhas ao meio. Também as actividades dos seus moradores eram menos específicas.

Explica ainda as diferenças humanas das duas zonas o facto de, para além da população natural da freguesia de S. Nicolau em ambas, no Barredo predominar a oriunda da linha do Douro e de Vila Real, aliás migrada em fluxo reduzido e constante no tempo, o que facilitou a assimilação; ao passo que na Fonte Taurina os imigrados vieram preponderantemente dos distritos de Braga e de Viana do Castelo, em ritmo menos contínuo e fortemente precipitado nos anos sessenta.

Dai, as famílias que habitavam casas e andares, eram geralmente as mais antigas no sítio, enquanto os inquilinos de quartos e albergarias eram dos recém-chegados, «população instável que recorria à zona como única alternativa de um espaço para viver». Isto, já se disse, acontecia sobretudo na Fonte Taurina, com todo um choque de hábitos e de culturas facilmente compreensível e um relacionamento pouco homogêneo entre os residentes, velhos e novos, posto não faltasse a solidariedade entre todos sempre que surgiam casos de ne-

cessidade, o que, aliás, foi e continua sendo timbre do povo ribeirinho, honra lhe seja!

Por exemplo: No que respeita a analfabetismo e a sanidade, os índices eram altamente desfavoráveis para os moradores de quartos e albergarias relativamente aos de casas e andares. E do ponto de vista profissional, eram estes os trabalhadores do rio, «a classe mais significativa», o grupo com mais consciência de classe juntamente com alguns operários e comerciantes; enquanto aqueles se ocupavam em qualquer tipo de trabalho sem especialização, pago «à tarefa» ou ao dia.

No Barredo, a causa maior da enorme densidade populacional estava na multiplicação de famílias saídas do agregado uni-familiar primitivo que ficavam residindo na mesma casa por não haver mais onde morar. Mas o espírito de clã permanecia; e a autoridade familiar e uma identidade fundada no trabalho portuário ditavam as normas da vivência e convivência. Era aqui que se verificava a presença mais numerosa de estratos etários inferiores a vinte anos, bastante superior aos valores médios para todo o concelho do Porto.

Estas considerações que resumimos ao essencial do já

citado estudo feito pelos alunos de Sociologia do ISCTE, permitir-nos-ão compreender melhor os critérios e as dificuldades com que houve de debater-se o Projecto de Renovação da zona, uma vez que, durante a operação, muitos teriam de ser deslocados do seu ambiente tradicional; e depois dela, a maior parte destes não poderia regressar, dada a exiguidade do espaço físico, incapaz de conter toda aquela população que o sobre-ocupava.

É de sublinhar a preocupação tida com este aspecto, o qual confere ao Projecto uma dimensão humana, que não

apenas a de uma renovação urbana cingida à conservação material de uma zona histórica de imenso valor, a qual, porém, se esvaziada da população própria, perderia a parte mais importante do seu conteúdo cultural.

Não sei se estudo idêntico está feito ou se está fazendo em relação à Sé. Porém, ele é indispensável como preliminar a qualquer trabalho de reintegração arquitectónica e de reconstrução que venha a fazer-se ali e urge que se faça. Oxalá não falte o fôlego aos que «têm a mão na massa»!

Padre Carlos

Associação dos Antigos Gaiatos (zona de Lisboa)

Caríssimos. Vamos realizar, no próximo dia 13 de Abril, na Casa do Gaiato do Tojal, pelas 10 horas, o nosso Encontro-Assembleia Geral que tem uma importância muito grande por três motivos:

1.º — Porque vamos ter, mais uma vez, oportunidade de nos encontrarmos em comunidade.

2.º — Porque vamos falar do Centenário de Pai Américo e da forma como nos vamos integrar e participar em todas as realizações que a nível nacional e a nível de nossas Casas se vão organizar.

3.º — Porque vamos realizar a nossa Assembleia Geral para eleição de nova Direcção e alteração do nosso Estatuto (uma cláusula que diz respeito à duração do mandato).

Gostaríamos que a vossa presença se verificasse em grande número, pois é sempre bom encontrarmo-nos e manifestarmos

interesse pela Associação. No entanto, também gostaríamos de alertar para que a nossa preocupação se concentre mais no aspecto de trabalho e convivência e pormos de parte o aspecto menos positivo que costuma ser o nosso materialismo. É evidente, vamos ter a refeição em comum. Mas sem exageros! — para que o programa se realize no melhor ambiente e seriedade. Se assim não for, a Associação não está a trilhar o caminho para que foi criada.

Esperamos resposta ao apelo da Associação. Estamos a lembrar as ausências sistemáticas do Bonifácio, do Jorge, do Natalino e outros.

Entretanto, e até lá, saudações para todos.

Programa estabelecido: Concentração — 10 horas; Alteração Estatutária — 11 horas; Eucaristia Comunitária — 12 horas; Refeição — 13 horas; Centenário e Eleição — 15 horas; Regresso — 19 horas.

Cândido Pereira

O assinante 9696, de Queluz, regulariza contas n.º O GAIATO e o remanescente «é para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», delicadamente pedindo desculpa «de ser tão pouquinho». No Reino dos Pobres tudo tem valor!

«Uma assinante de Paço de Arcos (não falha!) envia a «partilha fraterna com fraternas saudações». O Reino dos Céus prepara-se neste mundo! Assim nos diz, também, por obras, a assinante 26152, da Foz do Douro, frente ao oceano, recomendando que o óbulo seja «para um caso mais urgente»; e somando outro, de 500\$00, «em substituição de flores por alma de um colega muito amigo — para uma Viúva necessitada». Todo o cuidado dispensado às Viúvas tem um valor extraordinário. Elas ainda continuam tão marginalizadas...!

Mais um peregrino de todos os meses — o assinante 9790, de Oliveira do Douro — com mensagem oportuna: «Segue uma pequenina gota (ou não são elas que enchem o mar!?) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», sugerindo «uma oração ao Senhor para que nos ajude a trabalhar sempre pelo Bem, aproveitando, assim, da melhor maneira, o tempo de vida que Ele nos quiser conceder». Mais luz da Luz! Natalina, de Mem Martins, para além do mais — e é tanto! — segue com 3.700\$00 «para acudir às necessidades dos nossos Irmãos mais carenciados». Assinante 17022, de Santarém, «os quinhentos escudos do costume». A esposa do assinante 23487, do Carregado, remanescente de contas d'O GAIATO. Assinante 13109, de Fafe, idem. Assinante 31104 (extraordinária generosidade!) aí está, de novo, com várias intenções, e a distribuição «ficará ao vosso critério». A Caridade bem ordenada é assim mesmo!

Mais 2.000\$00 da assinante 14708, de Minde, juntamente com «três pessoas amigas». Disse o Senhor: «Onde

dois ou três se juntarem, aí estou Eu». Mais 750\$00 do assinante 17258 «para a renda de casa duma Viúva». 1.000\$00 da assinante 21912, de Caravelos. 500\$00 da assinante 17912, de Faro. Roupas da assinante 16415, de Barcelos. Oferta, abonada, do assinante 1553, de Viseu. 1.000\$00 da assinante 31486, do Porto. Rua do Bombardeira, Lisboa, um donativo tão escondido, tão escondido!, que pede o máximo d'anonimato. Assinante 26471, de Algueirão, 1.500\$00 «relativos aos meses de Janeiro e Fevereiro» destinados a «uma senhora idosa e doente — se for esse o vosso critério». Delicadeza e compreensão!

Mais obras de Oliveira de Azeméis para «onde houver mais necessidades». A assinante 524, de Vila Nova de Gaia, excede-se d'amor pelos Pobres e implora «a Deus que ajude a minha família». Ele tomou nota. E na parte que lhe toca, o testemunho ficou gravado no Livro da Vida.

«Um pequeno auxílio», da esposa do assinante 25881, de Setúbal, com a amizade de sempre. Torna o Porto com um cheque do assinante 32986 e «um fraterno abraço para todos» — que retribuimos na mesma proporção. 100\$00 da assinante 23387, também da Cidade Invicta. Francelos: resto de contas do assinante 13820. Por fim, duas presenças d'apoio às pequeninas estudantes: assinante 32763, de Mortágua; e assinante 21727, de Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O que foi, em tempos, um lindo palacete, é hoje abrigo de várias famílias. Foi tomado de assalto. Para ali estão sem um mínimo de condições. É preciso ver para criar.

Uma dessas famílias é auxiliada pela nossa Conferência. Fui lá levar alguma mercearia e falámos das suas necessidades — que tantas são. Só Deus sabe. Apesar de tudo estavam animados, pois tinham metido os «papéis» para uma casa da Câmara. Deus os ajude a conseguirem morada. E tu, amigo que lê estas linhas, pede ao Pai do Céu para que tal lhes seja concedida. «Sabe» — dizia-me ela — «se pudessemos, metiam-nos num pagamento para comprar alguma mobília — mas não podemos!» Despedi-me. O sonho daquela mulher veio comigo. Quantos sonhos nós conseguimos realizar e ela só quer dar aos seus um acréscimo de conforto! Não será justo?

Aqui vão notícias dos Amigos que contribuíram para que o sofrimento dos mais necessitados seja atenuado:

Recebemos de um anónimo/a um sobrescrito com mil escudos, entre outros. Esta maneira de dar, no anonimato, enche-nos de felicidade. Como é tão bom ser anónimo aos olhos dos homens! — porque só Deus é a Justiça.

Assinante n.º 20, «massa» com fatura! Obrigado sr. Carlos. Roupas em muito bom estado, que tanto jeito faz, do Bairro Novo, da Sofia. 1.000\$00 de Joaquim, Rua do Bonjardim. O nosso obrigado.

Uma Vicentina

A nossa Conferência já dá muitos frutos, mas queremos mais e contamos com a vossa ajuda. O nosso eu tem que ser esquecido para pensarmos nos Outros. É tão bom sentirmo-nos felizes! Mas essa felicidade só é válida quando dermos felicidade ao nosso Irmão.

O casal que visito (e como ele há muitos) espera a vossa ajuda e não só. Espera justiça, amor e fraternidade. Temos que lhes dar coragem para levar tão pesada cruz.

Cristiano

RETALHOS DE VIDA

«CONCHINHA»



Sou o Luís Manuel da Silva Silvestre, o «Conchinha». Tenho 14 anos. Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque os meus pais abandonaram-me e a mais duas irmãs que ficaram com os meus avós. E vim pelas mãos da minha professora, a D. Isabel.

Quando for grande gostaria de ser engenheiro. Quem leva o correio para a estação, sou eu. E também pertencço à distribuição d'O GAIATO.

Gosto muito de cá estar e agradeço a quem me cá põs. Muitos cumprimentos para os leitores d'O GAIATO.

«Conchinhas»



DOCTRINA

● A morte carinhosa, sentada no regaço dos Pobres resignados, que Francisco de Assis tratava por Irmã querida; a morte mil vezes bendita, último golpe de misericórdia do nosso Bom Deus que desce de mansinho a limpar lágrimas e a fechar os olhos da gente para que não haja mais pranto, nem clamor nem sofrimento; a morte preciosa, verdadeiramente cristã, «fim das coisas que tiveram princípio e princípio das que não têm fim»; esta morte que tanto desejo para mim, vi-a eu na última visita que fiz, sentada no catre daquele nosso Irmão doente que «sofreu a Paixão do Senhor» no dia de Sexta-Feira Santa. Havia um ar de Paz misteriosa na compostura do morto. Em pretéritas visitas, falava-me sempre daquela hora como sendo a oblação mais perfeita e mais meritória que ele tinha no mundo para oferecer a Deus, por isso mesmo morte preciosa! Chorei a falta que ele me fez.

● Se não fosse a promessa de Cristo — «chaves de ter sempre Pobres na vossa companhia» — a vida seria insuportável na terra; porquanto toda a beleza que ela encerra está escondida no seio dos Pobres, de cuja sorte se cuida. Na manhã do dia seguinte, por ele e por todos quantos lhe fizeram bem, celebrei Missa numa igreja da cidade.

● «Não nos deixe, Padre, que somos muito pobres!» — disse a viúva; e eu aqui faço minhas as palavras dela. Não vamos retirar os órfãos para casas de Misericórdia; antes sejamos misericordiosos para com eles, dentro do próprio lar que habitam.

● Custa-me tanto, nas igrejas, à estação da Missa, observar que uma grande parte das mãos que deixam cair ofertas na bandeja têm unhas ostensivamente pintadas de rubro; a miséria dolorada dos tempos, responsável pela outra miséria negra que vai dentro dos tugúrios! Eu quisera, antes, em vez do rubro falso das faces, ver o rubro verdadeiro no coração de todas as mulheres portuguesas. Mais respeito pelos Pobres. Mais amor aos membros doentes do Corpo de Cristo.

Padre Américo

Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.

AQUI LISBOA!

«Bem-aventurados são todos aqueles que neste mundo escolhem a sorte e seguem as pisadas do Mestre, não querendo nada para si e topando tudo quanto querem... para dar aos mais!» (Pai Américo)

Sai este número d'O GALATO nas vésperas da Páscoa. «O mundo não sabe o que está escondido por detrás do mistério do Redentor e perdeu o verdadeiro sentido da maior festa cristã, celebrada como é, com amêndoas e amores, por isso Páscoa dum dia. A nossa, Cristo imolado, levanta-nos muito alto e nunca mais acaba!» (Pai Américo).

Na Sua alocução ao Simpósio do Conselho das Conferências Episcopais do Velho Continente — cujo tema foi «Secularização e evangelização, hoje, na Europa» — o Santo Padre refere que é missão da Igreja dar uma alma à sociedade moderna, fazendo-se «o bom Samaritano do homem de hoje», tão insatisfeito e desiludido, gerando no seu seio «evangelizadores particularmente preparados», autênticos «arautos do Evangelho, peritos em humanidade, que conheçam a fundo o coração do homem de hoje, participem das suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas, e ao mesmo tempo sejam contemplativos enamorados de Deus. Por isto se exigem novos

santos. Os grandes evangelizadores da Europa foram os santos».

Que Pai Américo entendeu a Doutrina do Mestre e a procurou pôr em prática — não temos dúvidas nenhuma. A sua vida e os seus escritos são testemunho evidente da vivência dum Páscoa permanente. Atendamos à sua prosa: «A Igreja não pode quedar. Ela é acção, por natureza. Não podemos viver dos feitos dos primeiros Apóstolos; temos de fazer como eles fizeram. Sair para a rua. Conquistar. Dar a mão às almas. Lutar. Só desta maneira é que caem os falsos deuses». E mais um apelo à coerência e à autenticidade: «Nós (padres) não podemos de maneira nenhuma ser um ornamento social, classe privilegiada, envolvidos nos negócios do século e interesses terrenos. Não, que somos chamados a coisas mais altas. Antes debruçados sobre as feridas alheias, esquecidos do que somos e do que valeamos, anônimos, humildes, loucos. Assim munidos e prevenidos, sem sermos pesados a ninguém, vamos até onde chegaram os Mártires e os Apóstolos. Incendiários!»

Disse João Paulo II, no Simpósio atrás citado, que «deveríamos ter presente que não é com o diminuir das exigências formativas e qualitativas do Apóstolo que se actuará uma acção evangelizadora mais efi-

caz e incisiva, mas totalmente ao contrário. A «memória» da Igreja constitui uma significativa lição em relação a isto». E que permanece dramaticamente actual que «a messe é grande, mas os trabalhadores são poucos»; e que, por conseguinte, é preciso pedir «ao Senhor que envie trabalhadores para a Sua messe» (Mt. 9, 37 — 38).

Porque não queremos desconhecer o que «está escondido por detrás do mistério do Redentor» e «perder o verdadeiro sentido da maior festa cristã», — pese embora a limitação de quem escreve — redigimos estas linhas à laia de meditação compartilhada. Que todos nós — padres, religiosos, seminaristas e leigos — saibamos corresponder, pois «bem-aventurados são todos aqueles que neste mundo escolhem a sorte e seguem as pisadas do Mestre». Que todos sejamos — como alguém dizia — «escandalosos da Verdade, mas, sobretudo, escandalosos do Amor». Então, será Páscoa permanente que nos levanta muito alto e nunca mais acaba.

E, a terminar, citando mais uma vez o documento Pontifício atrás referido, se «uma Igreja que evangeliza é uma Igreja que ora por ter evangelizadores», procedamos em conformidade, que o Senhor — o Bom Samaritano — não deixará de forjar «incendiários», dando

«uma alma à sociedade moderna».

■ Já entregámos na Câmara de Loures a pretensão, aqui aludida, do loteamento do terreno de que dispomos, nas redondezas, para a construção de casas para os ex-gaiatos que vivem em precárias condições habitacionais ou que aguardam um tecto para se poderem consorciar. Eis uma boa notícia que vai, com certeza, encontrar correspondência dos Responsáveis da Autarquia local e de todos os nossos Amigos espalhados por Portugal fora. Na limitada, embora, esfera de acção que nos compete, não podemos parar!

Padre Luiz

FESTA

CINEMA IMPÉRIO LISBOA

Está marcada a nossa Festa, no Cinema Império, de Lisboa, para o próximo dia 18 de Maio, às 11 horas.

OBRIGADO!

Cont. da 1.ª pág.

de mãos vazias. São os assinantes que ali vão contribuir para a sua assinatura d'O GALATO e para as nossas edições. São os devotos de sempre que ali vão depositar as suas ofertas. São todos os que, não tendo oportunidade nem tempo de nos visitar, ali vão desobrigar-se. Ao abrir as cartas, ao ler os cartões, vamos dizendo baixinho: — Obrigado!

◆ Finalmente, obrigado à torrente de Bem que Deus põe no coração das pessoas. É tamanha a sensibilidade dos que acreditam, que não resistem ao apelo da mão escondida, envergonhada, por detrás de um mundo de misérias! É ver o que aconteceu com a notícia, que veio n'O GALATO, daquela mulher que tinha o marido doente e uma dívida grande na mercearia. Cartas e respostas com alívio eficaz chegaram de todos os lados. Sim, têm razão de ser a pergunta e a resposta:

— Que fazer?!

— Amar mais!

Por todas as cartas com palavras de Verdade, por todo o oceano de bondade presente em tantas vidas, pela presença divina do Pobre no meio de nós — obrigado!

Padre Manuel António

Importante

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GALATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

beber todas as perniciosas influências dos ambientes degradantes e a aumentar em si as fraquezas cromossomáticas da sua geração e gestação, até que um demorado parecer judicial seja proferido.

Enquanto a ciência, em Portugal, acompanha os tempos modernos, o Direito parece estar ainda nas áureas da civilização faraónica!

Eu tenho, há um mês, em Casa, duas crianças: um menino de três anos e uma menina de oito. A mãe deixou dois rapazes entregues ao pai e trouxe consigo o mais pequenino e a menina. Alijou a carga na sua mãe — avó das crianças — e foi para a vida. O passado da avó é dos mais infelizes! Várias filhas da sexagenária são objecto de negócio e de chorudos lucros nos bares e nas boites.

Numa fria manhã apareceu a mãe a pedir, por tudo, que aceitasse as crianças e as desse a um casal. Que elas tinham dormido, a noite passada, num bar; que a casa onde vivia a avó estava a cair; que não podia tê-las, etc., etc. Fui falar com o pai. Que iria pensar, disse. Passados três dias dá a sua resolução: Sim senhor, não pode. É pescador. Vive com a mãe e ainda tem quatro irmãos soltei-

ros e mais outros dois filhos. Que por causa da mulher perdeu a casa. Que ela vendeu todo o recheio ao desbarato, etc., etc. Uma enorme tragédia! Assim, daria os dois filhos para os livrar da mãe e proporcionar-lhes um futuro limpo.

Só que a influência da avó fez-se pesar: Vieram as tias e as amigas! Fui insultado e tive de me valer da força física para livrar as crianças. Parecia ter cometido um grande crime em acolhê-las! A mãe não dá as crianças. O tribunal — segundo o relato das assistentes sociais — é muito moroso na inibição do poder paternal e as crianças, como eu, estamos sujeitos a todas as arbitrariedades desta infeliz e desequilibrada mãe.

Eu sei de crianças que vivem num só quarto alugado a rios de dinheiro, onde as mães se prostituem — e ninguém as arranca de lá. São posse da sua mãe, condenadas à vida desgraçada daquela.

Se me ponho a olhar a vida real desta sociedade, estala-me o peito e a cabeça e perco a capacidade de viver!

Normalmente, os homens do Direito vivem nos gabinetes. Olham os compêndios. Acendem os cigarros. Lêem os papéis. E se ouvem as pessoas, é sempre no seu ambiente aquecido e confortável. Se sou

injusto com algum, estarei já a seu lado para um amplo debate sobre o Direito Real das Crianças portuguesas.

Alegro-me com os pais do bebé-proveta. Dou os meus parabéns à ciência, mas acho que em ritmo semelhante devia caminhar uma organização social e um Direito eficaz que desse prioridade de ambiência familiar às crianças existentes no meio de nós. A rápida intervenção dum serviço jurídico-social é tão necessária como a dos Bombeiros em todas as sedes de conselho, mas sobretudo nas grandes cidades.

Que aos casais sem filhos sejam dadas todas as facilidades de adopção, não só de uma mas de várias crianças. Assim como se faz uma Campanha Nacional do Sangue, se organize, ainda, mais insistentemente, uma campanha alargada de famílias adoptantes.

Que a facilidade dos bebés-proveta não venha a marginalizar tanta criança caída na lama!

Padre Acílio

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel